



# O Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

## Menos de 20\$00 não é jorna

“O camponês” nº 51, dirigindo-se aos operários agrícolas, afirmava: «REFORCAI E ORGANIZAI A VOSSA UNIDADE E ALARGAI-A AOS TRABALHADORES DAS VOSSAS REGIÕES PARA IMPORDES UMA JORNA MÍNIMA QUE NÃO PODE SER INFERIOR A 20\$00 E UM HORÁRIO DE TRABALHO JUSTO».

Orá depois de Setembro do ano passado alguma coisa se modificou, não nas jornas pagas nem no desemprego que por todo o lado atinge os camponeses assalariados, mas sim no custo da vida. Tudo está mais caro. Tudo excepto o nosso trabalho — esse não subiu de preço.

Por isso se torna ainda mais imperioso que todos nós, operários agrícolas, nos unamos e levantemos bem alto que MENOS DE 20\$00 NÃO É JORNA!

## MAIS UNIDADE E FIRMEZA NA LUTA CONTRA O DESEMPREGO!

Novas lutas contra o desemprego podemos noticiar em «O Camponês». Isto mostra que por muito lado os operários agrícolas estão compreendendo que não é cruzando os braços que matam a sua fome e dão de comer aos seus filhos.

Destas lutas podemos concluir que em alguns lados os trabalhadores já se movimentam logo que há alguns desempregados. Provam que é justo o que dizíamos: «Te-

mos de não esperar pelo desemprego de todos mas lutar logo que o desemprego atinge alguns.»

Podemos concluir também que a nossa luta é apoiada pelos pequenos comerciantes, o que só vem confirmar o que o nosso jornal dizia: «O baixíssimo nível de vida de tantos portugueses... conduz à ruína do pequeno comércio...» «Por isso as lutas contra o desemprego e por melhores jornas devem ser

apoiadas por todas as classes laboriosas da nossa terra.»

Entretanto, em algumas lutas, ainda não há suficiente firmeza e por isso nem todos os desempregados arranjam trabalho. Por vezes dão-se concentrações sucessivas nas Casas do Povo ou junto das autoridades sem encontrar solução para o desemprego.

Isto mostra que é preciso criar uma maior unidade entre todos, que é preciso organizar bem essa unidade para todos actuarem da mesma forma, que é preciso reclamar o trabalho com mais firmeza, que é preciso passar a outras formas de luta mais enérgicas.

Quando os agrários, as Casas do Povo ou as autoridades não tratam rapidamente da nossa situação, juntamos todos os desempregados, com os mulheres e os filhos, juntos todo o povo da nossa terra e, desfilando a negra bandeira da fome, exigimos imediatamente PÃO ou TRABALHO.

Se, não tendo em conta a nossa fome, não nos derem imediatamente PÃO ou TRABALHO, então TODOS JUNTOS, vamos aos celeiros das freguesias e dos grandes agrários, buscar o que nos mate a fome.

Durante os meses em que o trabalho agrícola é fraco, aqueles que conseguem trabalho, chegam a ganhar 17\$00 e em alguns lados há exploradores que não têm vergonha de pagar a um homem 15, 14 e até 13\$00 de jorna.

Nos trabalhos abertos nas estradas, na hidráulica, etc., querem que trabalhem de sol a sol, muitas vezes longe das terras, por 16\$50 e até 15\$50 com descontos.

Unamo-nos e lutemos contra estas jornas de miséria! Divulguemos as nossas lutas contra as jornas menores de 20\$00!

O agrário Moura Neves de Benavilla queria que um rancho fôsse limpar árvores por 18\$00. Todo o rancho se recusou exigindo os 20\$00. Só lá ficott a trabalhar o filho do encarregado.

Em Estaleiro o agrário Dr. Ferrão queria homens para limpar azinheiras por 18\$00. Os trabalhadores exigiram 20\$00 que conquistaram passados 3 dias.

18 operários agrícolas que trabalhavam de sol a sol por 18\$00 na Casa Magalhães, em Estombar, reclamaram e conquistaram os 20\$00 e as 8 horas de trabalho.

Em Montoite 95 desempregados, depois de terem feito várias concentrações na Casa do Povo sem que a Direcção fizesse alguma coisa, decidiram eleger e mandar uma Comissão ao delegado do INT em Évora. Como era preciso dinheiro para os transportes, foram-no pedir aos comerciantes que prontamente os ajudaram. Em Évora o delegado disse-lhes que daí a 2 semanas trataria do assunto... e retirou-se. A Comissão, porém, não se intimidando com as ameaças dum «senhor» que apareceu para os expulsar, exigiu de novo a presença do delegado e forçou-o a telefonar imediatamente para arranjar trabalhos. Na 2ª feira imediata 10 homens já tiveram trabalho, sete dias depois mais 30 e depois mais 20. Os restantes continuavam a luta.

Cerca de 40 desempregados de Santa Susana concentraram-se na Casa do Povo e na Câmara de Redondo obrigando o Presidente da Câmara a telefonar para o delegado do INT e este a resolver o problema do trabalho para todos os desempregados desta terra.

No princípio de Janeiro 80 trabalhadores de Montemor-o-Novo foram à Casa do Povo. Conseguiram trabalho por conta da Câmara mas só até sábado porque o fiscal das obras, o Saloio, os despediu para os meter passados dois ou três dias escolhendo os que lhe pagam vinho para se embebedar. A 16 de Janeiro, 40 trabalhadores voltaram à Casa do Povo protestar contra o procedimento do Saloio e exigir que fôsse a Casa do Povo a distribuí-los.

40 desempregados de Aviz procuraram o Presidente da Câmara para que lhes arranjasse trabalho. O presidente foi forçado a telefonar para a barragem do Maranhão onde alguns dos homens se empregaram tendo outros ido para diversos lados. Também de Benavilla 4 trabalhadores vieram a Aviz falar ao Presidente da Câmara para arranjar trabalho para os 9 desempregados da terra.

Em Val de Vargo 30 camponeses concentraram-se para falar ao presidente da Junta de Freguesia. Como este não estivesse foram ao posto da GNR. Apesar das provocações do cabo, os camponeses insistiram por que lhes arranjassem trabalho, tendo alguns ido para a hidráulica.

### CARTA DE SOBRAL DA ADIÇA

## DIFICULDADES DOS PEQUENOS E MÉDIOS CAMPONESES

Há cerca de 40 anos foram distribuídas pela Junta de Freguesia umas terras baldias e uma outra denominada Coutada. Conbe a cada uma das 620 cabeças de casal que receberam a terra, cerca de 2 hectáres das terras baldias e terra para 2 alqueires na Coutada.

Hoje, passados 40 anos, essa terra então distribuída, está na posse de cerca de 120 pessoas. A maioria teve de vender a sua parte em virtude da vida de miséria que tinha. Empenhavam-se na altura do desemprego e como depois não podiam pagar recorriam ao pouco que possuíam. Houve quem chegasse a comprar 30 e mais partes dessa distribuição.

Nesta terra é raro o pequeno ou médio camponês que não deve nos bancos ou aos grandes agrários. Há proprietários que têm mil contos

de valor que devem 200 e 300 contos e até alguns camponeses ricos se vêm em dificuldades.

Os pequenos e médios camponeses queixam-se constantemente do preço dos adubos ainda que mais caros, ficam porque têm de ser transportados em camionetes de aluguer da estação de Moura, a 20 km.

As suas dificuldades para fazer as sementeiras são cada vez maiores e quando colhem, em virtude do baixo preço dos produtos agrícolas acrescido da dificuldade dos transportes, não conseguem vender a preço que compense as canceiras e despesas do ano.

Os pequenos camponeses estão tão arruinados que têm de ir ganhar jorna para poderem aguentar as suas terrinhas, indo fazer primeiro o trabalho dos outros e deixando o seu para tarde e más horas.

## A ruína bate à porta do agricultor minhoto

A semelhança do que tem acontecido nestes últimos anos, o S. Miguel que passou não foi para o pequeno lavrador e rendeiro minhoto, a época alegre e festiva de outros tempos.

A que atribuir esta situação da agricultura do Norte? Há quem diga que ao mau ano agrícola, à falta de pessoal competente para trabalhar as terras, etc.

Sim, o ano não foi bom. A produção, especialmente de trigo, baixou em certas localidades, o milho não teve em muitos lados a humidade necessária e houve sítios em que o vinho se estragou. Mas as verdadeiras razões são aquelas que os proprietários e rendeiros do Norte apontam quando dizem: «A lavoura paga tudo caro e vende tudo barato».

Efectivamente assim é. Os adubos estão caríssimos devido à política protectionista do governo para com as grandes empresas produtoras (particularmente a poderosa CUF). Os desifectantes, insecticidas e fungicidas valem tanto como o ouro em pó, porque também eles são produzidos por grandes empresas da indústria química (CUF, INAC, GEIGY, etc.). As alfaias agrícolas têm preços elevadíssimos. Os combustíveis e a electricidade para os motores de rega mantêm-se a preços elevados.

Se alijarmos tudo isto ao imposto predial pago pelo pequeno proprietário, em proporção muitas vezes maior do que o pago pelo grande proprietário do sul, e a toda a

qualidade de outros imposto e alcavalas (licenças de carros de bois, de bicicletas, imposto braçal, taxas sobre o vinho, cota para o Grémio, etc.) e se pensarmos no encarecimento constante do custo da vida, não podemos deixar de concordar que a agricultura do Norte (como aliás toda a pequena e média agricultura do país) não tem nos preços dos produtos que leva ao mercado a justa compensação para as enormes despesas da sua exploração.

O fraco poder de compra das massas trabalhadoras, juntamente com a especulação dos Grémios e a praga dos intermediários estão a arruinar cada vez mais o preço dos produtos agrícolas. Este ano o milho desceu a 28\$00 raza, a pipa de vinho verde (500 lit.) a 600 e 700\$00 (em anos anteriores chegou a valer 1.500\$00 e 2.000\$00), o litro do leite, que na cidade custa 2\$50 e 3\$00, chega a ser pago ao lavrador a 1\$00 e menos.

Esmagados pela política económica do governo, que só favorece o grande capital monopolista e os grandes agrários que não trabalham na terra, tolhidos pelo parasitismo dos Grémios e outras organizações corporativas, os pequenos e médios agricultores do Norte só têm uma solução para se livrarem da ruína que lhes bate à porta:

Unirem-se, como fizeram os produtores de linho e mais recentemente os produtores de vinho, e reclamarem junto do governo, dos Grémios e das autoridades locais medidas que melhorem a situação da pequena agricultura.



**ASPIRAÇÕES DE UM OPERÁRIO AGRÍCOLA  
AO FALAR SOBRE A REFORMA AGRÁRIA**

A Reforma Agrária seria uma grande coisa para eu dar de comer aos meus filhos. Poderia ter um animal e um carro para fazer os meus serviços. Mesmo que não me fossem entregues máquinas, só com uma panela de barro para lavar a terra, seria uma alegria trabalhar para mim. Faria todos os anos um bocado de jardim dessa terra, não a podendo fabricar toda num ano. Pensaria em semear trigo para ter pão todo o ano e depois estudaria a terra para ver o que pudesse semear mais. Queria tirar dela o que pudesse, por exemplo, tendo água, semeava couves, feijão e outras colheitas de regadio. Semeava favas e cevada. Gostaria de criar ovelhas e cabras para comerem algumas ervas que aparecessem e para estrumar a terra.

Eu tenho 55 anos e estou farto de trabalhar, mas devia arranjar a terra e mostrar como ela produz, ao contrário do que dizem os lavradores. **Eu até me parecia que tinha só 25 anos.** Eu teria prazer em ter uma casinha melhor do que esta em que vivo há 19 anos, que tem duas divisões, cozinha e quarto, e onde criei 3 filhos. A porta da rua são três tábuas e as paredes só não se vê as pedras porque as tenho tapadas.

**Nota da Redacção** — Estas simples palavras falam das modestas aspirações de centenas de milhares de operários agrícolas da nossa terra. Esta família, que trabalha quando muito metade do ano, ganhando os homens 14 a 16\$00 e as mulheres 9 a 10\$00, aspira a quê? A poder trabalhar, a poder alimentar-se, a ter uma casinha onde não haja só miséria e desconforto. Isso será conseguido quando o povo instaurar um regime democrático que distribuirá a terra a quem a trabalha.

**Homens honestos da GNR e da PSP!**

Os "Camponês" têm-se dirigido já algumas vezes aos homens honestos da GNR e PSP. Fá-lo porque sabe que, apesar do papel que o governo e os grandes agrários dão a essas corporações, muitos soldados da GNR e PSP não podem esquecer a sua origem — filhos do povo — e é com relutância que cumprem as ordens dos superiores quando não se revoltam mesmo contra elas. A fome, a ruína, as dificuldades, alcançam todas as camadas pobres e remediadas do nosso país. A vida dos soldados da GNR e PSP não é também fácil porque os ganhos são poucos.

Apesar das dificuldades porque vezes existem para tais acções elas são sempre possíveis e mais o serão se os homens honestos da GNR e PSP se unirem e procurarem também melhorar a sua situação, lutando por melhores vencimentos, melhor tratamento, etc.

**Homens honestos da GNR e PSP!** E «O Camponês», o órgão dos camponeses de Portugal, que se dirige a vós e apela para que vos unis e lutais pelos vossos justos interesses, para que vos unis à luta do povo resistindo às ordens injustas dos vossos superiores. Assim alcançaremos para todos um FUTURO MELHOR!

Por isso no nosso país se alarga a luta contra esta situação em que um punhado de exploradores suga o sangue de milhões. Temendo a intensificação da luta, os grandes agrários e todos os outros grandes exploradores através do seu governo, o governo de Salazar, lançam as forças repressivas contra o povo. Os soldados da GNR e PSP são obrigados a fazer patrulhas e mais patrulhas, são repreendidos porque não descobrem quem escreve nas paredes ou distribui papeis que dizem as verdades ao nosso povo, são mandados a espancar, prender e até matar trabalhadores. Em virtude disso cresce o descontentamento dos homens honestos da GNR e PSP contra as ordens que recebem, contra os serviços a que são obrigados, contra as repreensões dos superiores. É verdade que na GNR e PSP os oficiais, a maior parte dos graduados e alguns soldados são verdadeiros inimigos do povo. Alguns deles têm as mãos tintas com o sangue de trabalhadores — são assassinos. A esses é preciso desmascará-los, isolá-los do nosso convívio. Eles receberão o justo castigo do nosso povo.

**Mas os homens honestos da GNR e PSP, esses nada têm a recar de trabalhadores. A sua vida melhora, tornando a dos trabalhadores melhor.**

O que têm a fazer é sim, desmentem serem honestos, resistem, de qualquer forma, às ordens infames que lhes são dadas, a ordem, de qualquer forma, a luta do nosso povo, recusarem-se a espancar os trabalhadores, revoltarem-se contra as ordens de atirar sobre o povo.

**Conversar... para esclarecer**

Tu dissestes, António, que os grandes agrários é que estão por detrás do governo de Salazar e que por isso este está contra os camponeses assalariados, os pequenos e médios camponeses e mesmo contra camponeses ricos. E isto, pelo que percebi, porque os grandes agrários são os grandes exploradores dos operários agrícolas mas também exploram ou prejudicam os pequenos e médios camponeses. Não é assim? E sim, Zé. Isso quer dizer que os camponeses assalariados e os pequenos e médios camponeses e mesmo camponeses ricos podem unir-se para lutar contra os grandes agrários? É mesmo assim Zé! E não é só podem unir-se. E devem unir-se. Pois repata. Qual é a vida dos pequenos camponeses? É uma vida de miséria. Eles têm ou alugam um pequeno pedaço de terra mas que só dá para eles viverem e muitas vezes nem chega. Muitas vezes o pequeno camponês vai trabalhar à jorna, ao lado dos operários agrícolas. Mas mesmo aqueles que não vão à jorna têm dificuldades que estão perto das que passam os operários agrícolas, quando não são, por vezes, até mais res. As suas tremendas dificuldades, os impostos que têm de pagar, a falta de crédito fácil, a usura dos ricos, a ganância dos grandes que lhes querem a terra, os maus anos agrícolas ou outras circunstâncias, leva-os muitas vezes a perderem o pouco que possuem tornando-se simplesmente camponeses assalariados. Os médios camponeses têm mais

**EXIJAMOS O AUXÍLIO DO GOVERNO!**

Além das tempestades que tanto danificaram as sementeiras de centenas de camponeses da Beira e Trás-os-Montes, as últimas chuvas provocaram inundações que destruíram outras sementeiras e tornaram impossível o cultivo em muitas regiões do país. O alagamento das terras em virtude das enchentes dos rios (principalmente Tejo e Sado) dá-se porque o governo não tem dispendido as verbas necessárias para as obras que regularizariam os rios, defenderiam as terras e dariam maior riqueza à nossa terra. Isto sucede assim porque não é possível dispendir verbas fabulosas para os preparativos de guerra e as provocações em Goa é, ao

mesmo tempo, dispender verbas valiosas para o progresso do país. Só a substituição deste governo de guerra por um governo democrático resolverá os problemas da nossa terra mas apesar disso podemos e devemos lutar para que o governo auxilie todos os que sofrem com estas calamidades. Se todos nós, que vimos as nossas sementeiras destruídas, que já não temos possibilidade de semear este ano, nos unirmos, então a nossa justa reclamação de um auxílio do governo para fazer face às nossas dificuldades poderá ser conquistada. **Unámo-nos e reclamemos auxílio junto das autoridades locais!**

**MAIS LUTAS - MAIS VITÓRIAS**

No concelho de **Mora** um rancho de 14 camponeses que trabalhava de empilhada numa pedreira, em virtude de só conseguirem uma jorna muito baixa, reclamou um maior preço para a empreitada. Como o capitão não o quis dar, o rancho abandonou o trabalho. No concelho de **Aviz** um rancho de 17 trabalhadores recusou-se a falquear cortiça a 4\$00 por arroba, reclamando 5\$00. Dada a sua firmeza o patrão, p. ss. 4 dias, contratou-os pela jorna de 20\$00. Neste mesmo concelho, um rancho de 40 mulheres que apanhava malva, ganhando

10\$00, recusou-se firmemente a trabalhar com enchadas por esse preço. No concelho de **Serpa** um rancho de 15 trabalhadores que ganhava 15\$00 foi posto a limpar azinheiras. Todo o rancho exigiu 18\$00 os quais foram conquistados. No concelho de **Grândola** um feitor só quis pagar 6\$00 a um rancho de mulheres que desmoltava, quando tinha sido combinado 9\$00. As mulheres uniram-se e foram protestar ao patrão tendo conquistado os 9\$00. Outros ranchos de mulheres que ganhavam a 8\$00, sabendo disso, uniram-se e conquistaram também os 9\$00.

**EXIJAMOS O PAGAMENTO A HORAS!**

Na mina da **Orada**, há agora mais de 300 trabalhadores. Muitos deles são operários agrícolas desempregados que para ali foram grangear o pão. As condições de vida são péssimas, em casas de colmo ou em casernas onde dormem 200 homens. Mas além disso o pagamento aos trabalhadores está sempre atrasado. Em dezembro havia trabalhadores que tinham a receber mais de mil escudos. Em virtude

desta falta de pagamento houve trabalhadores que chegaram a morrer durante dias só batatas doces, pois não tinham com que comprar o avio. Num dia de dezembro, 20 trabalhadores recusaram-se a trabalhar e no fim do dia juntaram-se todos e obrigaram o engenheiro a ir buscar dinheiro para lhes pagar alguma coisa. No Natal o pagamento foi regularizado mas depois disso novamente se atrasou.

**Trabalhadores da Orada** — Reforçai a vossa unidade e exigi o pagamento a horas. Todos unidos, recusai-vos a trabalhar até que vos paguem. Luta! igualmente por melhores condições de habitação.

**CEIFEIROS E CEIFEIRAS UNI-VOS!**

Aproximam-se as ceifas, altura em que é possível a dezenas de milhares de operários agrícolas, especialmente do Alentejo e Ribatejo, ganharem mais alguma coisa para pagar as dívidas que meses e meses de desemprego criaram. A rica experiência das lutas dos ceifeiros e ceifeiras ensina-nos, que é preciso: Começamos desde já a unir-nos, conversando uns com os outros sobre a jorna que devemos pedir. Fazermos desde já pequenas e grandes reuniões para fortalecer a nossa unidade. Organizarmos a nossa unidade escolhendo para orientar a luta os nossos companheiros mais combativos e com prestígio. Não esquecermos a importância das mulheres na nossa luta levando-as a unirem e organizarem-se também. Sempre que nos desloquemos para outras terras, unirmo-nos com os ceifeiros e ceifeiras daí e lutarmos pela jorna combinada por eles. Unirmos os anuais e os tratoristas para que acompanhem a luta. Pedirmos o apoio dos pequenos comerciantes à nossa luta pois ela permitirá o pagamento das dívidas que lhes temos. Aproximarmos-nos dos pequenos e médios camponeses que melhor compreendem as nossas necessidades e muito nos podem ajudar.

terra e já metem por vezes alguns operários agrícolas no trabalho da terra mas as suas dificuldades são também grandes e a ruína ameaça-os constantemente. Por isso eles, junto com os camponeses assalariados e os camponeses pobres melhoram a sua vida quando se fizer na nossa terra uma verdadeira Reforma Agrária. E os camponeses ricos, António? Os camponeses ricos, que trabalham a terra mas exploram sempre bastantes operários agrícolas estão sofrendo, dum modo geral, tamém, dificuldades, porque a alta no custo de tudo o que a agricultura precisa para se desenvolver não foi acompanhada por uma alta no preço dos produtos agrícolas. Muitos porém, desses camponeses ricos, para vencerem as suas dificuldades, não se voltam para quem as provocam mas sim voltam-se contra os assalariados explorando-os desalmadamente. Mas os camponeses ricos não serão prejudicados pela Reforma Agrária. Esta, tal como a defende o Partido Comunista Português, só expropriará «os grandes lavradores com herdades e quintas e m milhares de hectare...». E até esses grandes lavradores expropriados «terão direito a receber o seu quinhão igual aos outros». A divisão e a distribuição desses milhares e milhares de hectares pelos camponeses assalariados e pelos camponeses com pouca terra responderá à grande aspiração de todos os portugueses progressivos — **que a terra pertença a quem a trabalha.**